



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
GABINETE DO REITOR
COMISSÃO DA VERDADE

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevista realizada em: 8.3.2013

Hora: 14h30min.

Local: Sala de reuniões dos Colegiados Superiores

Entrevistado: Francisco Queiroz de Lima

Responsável pela transcrição: Lucila Barbalho Nascimento (bolsista)

Carlos Gomes: Agora, vamos ouvir, hein? Sente aqui! Agora você conta porque o menino. Primeiramente, eu gostaria que você se qualificasse. Diga aí seu nome!

Francisco Queiroz de Lima: Meu nome é Francisco Queiroz de Lima. Sou contratado como Economista, cargo. Fui equiparado economista em 1981.

Almir Bueno: Está lotando aonde?

Francisco Queiroz de Lima: Estou alocado hoje, eu estou em processo de transição. Estou sendo devolvido pra PROPLAN, mas eu tava na Auditoria Interna.

Carlos Gomes: Trabalha na Auditoria?

Francisco Queiroz de Lima: Trabalhava, estou em processo de remoção.

Carlos Gomes: Está certo. Na Auditoria da Universidade. Interna da UFRN.

Francisco Queiroz de Lima: Professor, eu preferia colocar, legalmente, eu estaria. Porque é o seguinte, uns seis meses atrás eu fui pra Pró-Reitoria Estudantil, não deu certo; então, eu estou indo pra PROPLAN.

Carlos Gomes: [Inaudível]

Francisco Queiroz de Lima: PROPLAN, planejamento. Então eu pedi uma ação hoje, mas eu trabalhei sete anos na Auditoria.

Carlos Gomes: ‘Tá’ certo. Tem nada... Muito bem.

Francisco Queiroz de Lima: Sim, aí...

[Pessoas falando ao mesmo tempo, inaudível]

Francisco Queiroz de Lima: É. Eu vou historiar...

[Inaudível]

Carlos Gomes: Bom, o Alberto nos apresentou um relato escrito. Juan diga aí alguma coisa que seja pertinente...

Juan de Assis Almeida: Havia conseguido equiparação salarial, saindo de nível médio para superior, certo?! Ele conta também que os três após saberem dessa equiparação, interporam, né, um pedido para essa equiparação. Cada um fez um processo individual, ele conta aqui. E colocou nos seus devidos Departamentos.

[Inaudível]

Carlos Gomes: É, há uma série de contradições que a gente vai apurar.

[Inaudível]

Carlos Gomes: Mas você sabia desse documento que ele mandou para aqui?

Francisco Queiroz de Lima: Sabia que...

Carlos Gomes: Mas o que ele relata... confirmou. Vocês participaram de um projeto do Levantamento Patrimonial da Universidade e tiveram a promessa de, se o trabalho fosse bom, vocês seriam contratados. Como o resultado foi bom, vocês foram contratados como agente administrativo e souberam que um determinado funcionário, um daqueles iniciado com aquela contratação, teria obtido uma vantagem de perceber o nível universitário de enquadramento de nível médio par nível superior. E que os outros foram, então, postulados. O caso dele, você sabia que ele postulou conjuntamente com...

Francisco Queiroz de Lima: É. Na verdade Gurgel já tinha me dito. Eu acho que ele chegou a falar também.

Carlos Gomes: E você requereu individualmente?

Francisco Queiroz de Lima: É. Antes dele. Acontece o seguinte: vou relatar, mais ou menos aqui, a minha conversa com Alberto, né?

Carlos Gomes: Pois não.

Francisco Queiroz de Lima: Nós fomos estagiários de outubro de 77 a abril de 88, de 78 né?

Carlos Gomes: Estagiário?

Francisco Queiroz de Lima: É. Estagiário!

Carlos Gomes: Repita a época, de?

Francisco Queiroz de Lima: De outubro de 77 a março de 78, quatro meses.

Carlos Gomes: Quatro meses.

Francisco Queiroz de Lima: Mais ou menos.

Carlos Gomes: Março de?

Francisco Queiroz de Lima: 78.

Carlos Gomes: 78. Está certo. Vamos lá.

Francisco Queiroz de Lima: Era uma equipe de estagiários. Éramos uma equipe, era uma equipe em torno de 15, 16, 17 pessoas. E existia uma promessa de enquadrar quatro pessoas, aqueles que melhor se classificassem no estágio né? E fomos classificados eu, Gurgel, chamado pra ser contratado, Alberto e outro.

[Inaudível]

Francisco Queiroz de Lima: É, mas foi no ano seguinte. E nós fomos contratados como nível médio. Em abril, abril né? Abril de 78. Eu fui contratado em 1º de abril.

[Inaudível]

Francisco Queiroz de Lima: Eu, ele, Gurgel.

Carlos Gomes: De 70 e?

Francisco Queiroz de Lima: 8.

Carlos Gomes: Sim.

Francisco Queiroz de Lima: E trabalhei junto com Gurgel e Alberto lá no DMP. Eu trabalhei até início de 81. Eu vim aqui pra Finanças. E essa contratação, esse reenquadramento, surgiu por esse Decreto mesmo. Então, esse Decreto surgiu, assim, de repente. De repente, tinha gente contratada e que ninguém tinha conhecimento. Eu, como trabalhava aqui, fui logo um dos primeiros a saber desse Decreto. E requeri a minha equiparação. Foi até um colega meu que requereu junto comigo. Nessa, eu viajei até de férias, quando eu cheguei estava... porque alguém foi... os outros terem sido contratados e a gente tomou conhecimento e fomos atrás. Fomos contratados e isso aí foi extensivo a todo mundo. Todo mundo que tinha direito, correu atrás. Começou a correr atrás, foi na época de Gurgel e Alberto, junto com Gurgel fizeram um processo e recorreram também. O meu caso, eu não tenho muito detalhe com respeito a essa... não tenho muitos detalhes porque, inclusive, eu já tinha saído do DMP, já tava aqui na Reitoria e outra, esse processo foi feito junto com ele. Gurgel tem mais detalhes do que eu. Só o que eu sei é só do que eu soube, mas não acompanhei detalhe, de perto esse detalhe não.

[Inaudível]

Francisco Queiroz de Lima: É, agora, eu não...

Almir Bueno: O seu era individual?

Francisco Queiroz de Lima: Não, o meu foi um ano antes.

Carlos Gomes: [Inaudível] Aí eu te pergunto: você sabe precisar se falava que era um Decreto? Isso é só pra ajudar, não tem relevância não. Se era um Decreto, o que era?!

Francisco Queiroz de Lima: Não. É o seguinte: como eu soube, como é que eu soube? Um colega meu chegou pra mim e disse “Queiroz, você já recebeu seu contracheque equiparado?”, eu disse: “Eu não! Não tenho nem conhecimento”, “Ah, pois já foi equiparado, desde o mês passado”. Bom, aí a gente foi atrás tinham 4 a 5 pessoas que tinham sido equiparadas caladinhas. Aí quando nós soubemos fomos atrás, né? Eu, o meu colega já de entrada comigo, foi mais fácil. Corremos atrás, quiseram dizer que não se tratava disso e

daquilo. E a gente “Não, se alguém foi, nós queremos também!” e a gente foi, demorou muito não, dois a três meses foi equiparado. E isso foi por conhecimento. Conhecimento que a gente tinha o direito, né? E foi postulando. Aí essa postulação, quando Alberto entrou...

Carlos Gomes: Na verdade, não guardaram um contracheque disso não, né?

Francisco Queiroz de Lima: Não, o contracheque eu acho que eu tenho, não sei se eu tenho mais, porque faz tempo, né?

Carlos Gomes: Ele dá o aumento do enquadramento?

Francisco Queiroz de Lima: Se tiver, se tiver...

[Inaudível]

Carlos Gomes: É...

Francisco Queiroz de Lima: Mas, como eu já disse, isso deve estar escrito no Decreto. Só que esse Decreto veio caladinho. Não veio contratando A, B e C.

Carlos Gomes: É possível que esse Decreto tenha vindo caladinho, deve ter sido alguma Resolução, não tem tanta, mas de qualquer maneira, a gente vai descobrir porque isso deve ter na ficha de vocês.

[Inaudível]

Carlos Gomes: Não, mas tem que ter tido parecer, mesmo assim.

Francisco Queiroz de Lima: Mas o que acontece é o seguinte: que todo mundo que teve o direito, vamos dizer, adquirido, postulou, demorou um pouquinho, mas todo mundo conseguiu, né?

Carlos Gomes: Viu, Juan?!

Francisco Queiroz de Lima: Todos que nós temos conhecimento de que...

Carlos Gomes: Na própria, os funcionários lá da parte da...

Almir Bueno: PROGESP.

Carlos Gomes: É capaz de ter uma noção disso porque ela era funcionária muito antiga. Pode ter sido até algum enquadramento. Porque eu me lembro uma época existia...

Francisco Queiroz de Lima: Existe também.

Carlos Gomes: Aparecida também.

[Inaudível]

Francisco Queiroz de Lima: Existiu uma conversa de que o MEC mandou regularizar a situação de quem estava na Universidade, porque pra o MEC não existia, existia pra Universidade, e determinou o seguinte: quem estiver já com formação de nível superior, seria contratado já equiparado a nível superior e quem era nível médio, contratado pelo MEC, teria que ficar com nível médio porque não tinha como ser promovido. Eu não existia pro MEC, eu não existia pro MEC. Agora, eu não sei se foi parte desse Decreto. Eu sei que existiu essa conversa na época.

Carlos Gomes: Na sua ficha dava isso?

Francisco Queiroz de Lima: E o MEC disse o seguinte: quem não existir pra o MEC, mandou regularizar a situação de todo mundo. Todo mundo... precisava ser enquadrado como nível médio. E quem tivesse nível superior já podia ser direto pra nível superior. Entendeu?

[Inaudível]

Francisco Queiroz de Lima: É, eu não sei, aí eu não sei. Eu não tive conhecimento. Tem mais, professor...

Carlos Gomes: Você entrou antes?

Francisco Queiroz de Lima: Eu entrei rápido.

Carlos Gomes: É muito importante isso.

Almir Bueno: Professor, posso?

Carlos Gomes: Pois não!

Almir Bueno: Não, primeiro, assim, a gente tá numa época que era o Regime Militar então é muito difícil que fosse uma norma da Universidade, assim, então veio do MEC?

Carlos Gomes: [Inaudível]

Almir Bueno: Solução, mas assim, eu gostaria de fazer a mesma pergunta que eu fiz pra Gurgel. Pra que você esclarecesse porque isso tem um pouco a ver, por que um foi e o outro não foi? Alberto disse no depoimento que depois de ele ter se dirigido a todos os pró-reitores e não sei o quê, instâncias, foi até o Reitor, né? Na época, Diógenes, o reitor Diógenes, teria dito, depois de receber ele bem friamente, aí disse: “É melhor você não dar continuidade, aqui você não tem futuro na Universidade”. E aí ele dizendo, Alberto, agora na semana passada, eu avalio que isso pode ter sido por conta das minhas opiniões de esquerda que eu manifestava pra os meus amigos, pra os meus círculos de amizade, embora eu não tivesse uma militância política ativa, né? Então, assim...

[Inaudível]

Almir Bueno: Então, você acha que esse motivo dele ter, porque né? A gente está em Regime Militar, já estava na pós-anistia, mas, mesmo assim, ainda um Regime Autoritário.

[Inaudível]

Almir Bueno: Isso poderia, você acha, primeiro, assim, ele tinha essas opiniões e depois se isso seria um motivo pra que ele não fosse enquadrado?

Francisco Queiroz de Lima: Ele tem um senso crítico, eu também tenho. Ainda hoje tenho um sendo crítico das coisas. Eu acho que o senso crítico, de um modo geral, talvez tenha influenciado muito não. Pode ser que tenha tido talvez um embate entre determinada pessoa. Essa pessoa se chateou, pode ter ocorrido mais isso.

Carlos Gomes: Mas ele não era conhecido como...

Francisco Queiroz Não. Não era conhecido não.

Almir Bueno: Ah, peraê! Porque senso crítico é uma coisa, opinião social é outra coisa.

Francisco Queiroz de Lima: É, tinha. Mas eu não sentia ser, assim, tão... mas ele tinha um senso crítico.

Carlos Gomes: Não era conhecido como militante não?

Francisco Queiroz de Lima: Eu não tenho conhecimento.

Almir Bueno: Ele pode ter se aborrecido com alguém?

Francisco Queiroz de Lima: Não convivi, não vi, mas pode ter sido.

[Inaudível]

Francisco Queiroz de Lima: Eu não acho que essa posição política dele tenha influenciado não.

Carlos Gomes: Você acha que o não enquadramento dele poderia ter sido por propósito, perseguição ou foi por outro motivo?

Francisco Queiroz de Lima: É difícil avaliar isso aí. Sei avaliar não. Acho que, não sei, porque pode ter se chateado, ter pedido, né? Assim, uma questão emocional na época, na hora, tomou aquela decisão. Não sei avaliar não.

Almir Bueno: Eu não entendi, desculpe, questão emocional?

Francisco Queiroz de Lima: Às vezes a pessoa se chateia e emocionalmente toma a decisão. Agora eu acho, defendo até o lado dele ali no sentido de que ele pode ter sido induzido a pedir de forma indireta.

Carlos Gomes: Pedir demissão?

Francisco Queiroz de Lima: Demissão. Pode ter sido induzido pela própria Universidade através de uma opinião, através de uma negativa forte.

Almir Bueno: Pelo que, a resposta que ele deu, que o reitor teria dado pra ele, acho que até qualquer um faria isso. Porque esse “você não tem mais futuro na Universidade”...

Francisco Queiroz de Lima: Se isso ocorreu, ele foi induzido a pedir, né? Demissão e, conseqüentemente, ter sido prejudicado.

[Inaudível]

Francisco Queiroz de Lima: Talvez essa denúncia seja o pivô da coisa, né? Mais do que o próprio, porque nós éramos um, a gente era um grupo e não tinha esse politicamente, não se tinha nada assim de grave não. Se conversava... Mas não teve nada. Eu pelo menos não senti nada de relevante que viesse interferir...

Carlos Gomes: A gestão de Diógenes, de uma maneira geral, era tida como, vamos dizer, muito próxima à repressão dos militares ou era liberal?

Francisco Queiroz de Lima: Eu estou na Universidade desde 68 e nunca senti nada. Senti assim que a Universidade tenha, pelo menos em relação a mim não... E nem assim...

Carlos Gomes: Nem ouviu falar nada...

Francisco Queiroz de Lima: Existia a ASI, né?

Carlos Gomes: É, a ASI. Sabe alguma coisa sobre a ASI?

Francisco Queiroz de Lima: Sei não. Só sei que existia a ASI. E eu só sei que eu vou fazer suprimento de fundos aqui e os documentos de suprimento de fundos eram sigilosos. Você fazia a despesa, mas não podia discriminar a despesa. O que gastou? Mas era o Regime, né? Mas isso acabou logo com, mas eu não sentia, assim, de perto a Universidade pressionando não. Eu nunca senti não. A gente tinha a pressão natural do Regime Militar, né? Que era extensivo a Universidade a todo lugar que você passasse. Mas da Universidade, eu nunca senti não.

Almir Bueno: A documentação era sigilosa, é?

Francisco Queiroz de Lima: É, suprimento de fundo, é.

Almir Bueno: Sim, de suprimento.

Francisco Queiroz de Lima: Suprimento de fundo é uma despesa que você recebe dinheiro pra gastar, né?

Carlos Gomes: Mas geralmente são pequenos valores. Há limite de valor.

Francisco Queiroz de Lima: São pequenos valores. É despesa miúda.

Almir Bueno: Mas hoje não é mais sigilosa não?

Francisco Queiroz de Lima: Não, só na época da Ditadura...

Carlos Gomes: Hoje existe o cartão corporativo...

[Inaudível]

Francisco Queiroz de Lima: Esse cartão corporativo a mídia distorceu. Teve uma intenção de uma fiscalização maior sobre... distorceu...não era isso...mas ele era mais rigoroso...

Almir Bueno: *In off*, só assim, é até curiosidade, você falou assim, cartão corporativo são os gestores daqui que tem? Tipo reitor, pró-reitor e diretores de Centro.

Francisco Queiroz de Lima: Não, o cartão é um suprimento de fundos tradicional, não mudou nada.

Carlos Gomes: Pode ser qualquer funcionário.

Francisco Queiroz de Lima: Qualquer funcionário pode ter. Só que os funcionários ficaram com medo de tirar. E isso chegou a prejudicar a Universidade... O cartão corporativo veio pra que você tivesse o controle desse dinheiro.

Carlos Gomes: Acabar a burocracia.

Francisco Queiroz de Lima: É, acabar a burocracia e ter um controle maior desse dinheiro. Porque você gasta e na hora que você gasta, você sabe que gastou.

Carlos Gomes: [Inaudível]

Francisco Queiroz de Lima: Aí, por conta de... em Brasília, distorceram tudo. Todo mundo ficou com medo de ter cartão corporativo e com isso acabou praticamente o suprimento de fundo e... é... as coisas que são pagas ficaram prejudicada.

Almir Bueno: Mas é só quem está num cargo administrativo, eu não posso ter?

Francisco Queiroz de Lima: Não, pode!

Carlos Gomes: O suprimento de fundo é pra qualquer funcionário.

Francisco Queiroz de Lima: Qualquer um pode ter.

Carlos Gomes: Existe um regramento...

Francisco Queiroz de Lima: Só que ninguém quer, porque ficou medo.

Carlos Gomes: Na verdade, tudo isso é irregular porque a Lei 4.320 não fala em suprimento, fala em adiantamento, que é outra coisa, mas o Brasil...

[Inaudível]

Francisco Queiroz de Lima: É, mas isso não tem nada a ver com Alberto não. Isso é só uma questão...

Carlos Gomes: Eles são obrigados a prestar conta, eles têm obrigação de prestar conta.

[Inaudível]

Francisco Queiroz de Lima: Não, porque é o seguinte, no suprimento de fundos você tem o demonstrativo de despesa e vem as notas fiscais de despesa.

Carlos Gomes: No histórico.

Francisco Queiroz de Lima: É, no histórico, é o demonstrativo de despesa. Aí no suprimimento de fundos da ASI vinha um histórico do demonstrativo, mas não vinha nota fiscal.

Carlos Gomes: Não vinha dizendo pra quê era? Era uma irregularidade!

Francisco Queiroz de Lima: Mas era o Regime, ninguém podia dizer nada. O Regime Militar era... Falasse “bom dia”...

Almir Bueno: Só pra concluir a minha participação. Aí você realmente acha que Alberto não foi enquadrado por conta da atitude que ele teve de protesto.

Francisco Queiroz de Lima: É difícil a gente falar... Não sei... Poderia ter sido contratado ou não. Eu acho que seria contratado se ele insistisse, agora, ele pode ter sido induzido a...

Carlos Gomes: Se aposentar?

Francisco Queiroz de Lima: Não, a pedir pra sair da Universidade. Ter se chateado, ter pedido pra sair e aí ele pode ter se precipitado. Pode ter se precipitado, mas eu não posso garantir se ele seria ou não...

[Inaudível]

Carlos Gomes: Chacota foi!

Francisco Queiroz de Lima: Aí eu não estava mais lá. Eu estava aqui na Reitoria.

[Inaudível]

Carlos Gomes: Não tem prestígio e tal. Ah, sim!

[Inaudível]

Francisco Queiroz de Lima: Não, isso eu não vi, até porque não estava mais no DMP.

[Pessoas falando ao mesmo tempo, inaudível]

Carlos Gomes: Os colegas gozavam dele porque ele não ganhou?

[Resposta inaudível]

Francisco Queiroz de Lima: Ele era muito competente.

[Inaudível]

Carlos Gomes: Ele era bem conceituado entre os colegas?

Francisco Queiroz de Lima: Bem conceituado, competentíssimo. O homem escreve fora de série. Tinha um assunto assim, pá. Um autor.

Almir Bueno: Vocês ainda têm contato com ele?

Francisco Queiroz de Lima: Tenho. Eu encontrei com ele aqui... Mas era competente. Sempre. Eu acho que a Universidade perdeu um profissional daquele. E acho também, no meu raciocínio, que ele, de certa forma, foi um pouco induzido, voluntaria ou involuntariamente, ou indiretamente, foi induzido a pedir e hoje se sente prejudicado.

Carlos Gomes: Mas por alguém que...

Francisco Queiroz de Lima: [Inaudível]

Almir Bueno: No microfone, por favor.

José Gurgel da Silva: Quando ele recebeu a negativa, que o Departamento Pessoal me chamou, que foi a vinda dos Auditores do MEC e que aí onde um parecer oral, por escrito,

mandou que resolvesse o meu caso e a diretora do Departamento Pessoal anunciou que o dele não seria resolvido porque não estaria acobertado, aí foi que ele entrou num desespero e chateação, né? Começou a dizer que não tinha mais clima de ficar na Universidade, a gente insistiu, eu mesmo pedi muito a ele não sair. “Homem, dê um tempo, a administração muda, amanhã é outra coisa”, ele não quis acordo, pediu demissão. Aí onde ele diz aí, se por trás, alguém da administração ou o reitor, como ele próprio diz, se diz um negócio desse é muito negativo. Se o reitor Diógenes diz “não tem futuro”, realmente, se ele tem essa afirmativa aí, eu não testemunho porque não estava com ele na audiência, mas se ele recebeu isso de um reitor, é uma descarga, para um jovem, ele era um jovem como ele diz aí... é muito pesado, né? Você dizer “caía fora que você não tem mais futuro nenhum”, mais ou menos isso...

Francisco Queiroz de Lima: Eu acho que...

[Inaudível]

Almir Bueno: Independente dessa afirmativa do reitor Diógenes... por ele ser reitor, vai ter que ser convocado também, né?

Carlos Gomes: É. Eu acho que nós vamos encontrar uma luz quando a gente investigar a ficha deles dois. Que a gente vai, certamente, encontrar alguma anotação sobre esse decreto. Indo ao decreto, nós vamos ver as condições de enquadramento e é fácil saber se ele era ou não passível de enquadramento. Agora, ele não revelou no documento dele, nem no depoimento, um aspecto que aqui foi levantado: é de que outros que também, ele não falou que nunca preencheu requisito... e que a revolta dele é porque outros que não tinham condições tiveram benefício. Isso ele não disse nem escrito e nem pessoalmente. Foi levantado aqui, então é coisa que nós temos que investigar. Há alguma contradição que a gente vai investigar.

José Gurgel de Freitas: Eu me lembro que ele dizia isso que “não aceitava a tese de estar fora por algum decreto ou documento do MEC porque todos estavam sendo enquadrados, menos ele.

Carlos Gomes: Ele não podia ter omitido isso.

Francisco Queiroz de Lima: Eu, particularmente, não tenho conhecimento desse decreto...

Carlos Gomes: O enquadramento tinha que ter um embasamento legal.

Almir Bueno: Eu não sei por que todos os outros foram e só ele não foi.

José Gurgel de Freitas: Eu vivenciei o drama. Foi um ano esperando isso. Porque o meu caso era junto com o dele. E se prenderam o processo, era comigo também. No caso, aí quando ele tocava pra lá e pra cá, aquela velha história, foi quando ele resolveu fazer a carta de denúncia aos auditores do MEC.

Almir Bueno: Agora, assim, você falou que foi enquadrado e ele não, no mesmo processo. Aí como é? Até ser enquadrado o processo estava às vistas, depois desapareceu.

José Gurgel de Freitas: Então, com a Diretora do DA, na época era DP ou até com o reitor, vice-reitor, quem mandava muito na época, tinha muito poder, era vice-reitor, né?

Carlos Gomes: Você formou-se em?

José Gurgel de Freitas ou **Francisco Queiroz de Lima:** [Inaudível]

Carlos Gomes: Mas em qual ano?

José Gurgel de Freitas ou **Francisco Queiroz de Lima:** Professor, que eu lembre, em 80. Ele...

Carlos Gomes: Ele em 11 de julho de 81.

Francisco Queiroz de Lima: Eu sou de 11 de julho de 80.

José Gurgel de Freitas: Pronto, eu terminei junto com ele.

Carlos Gomes: E ele terminou depois? É uma questão de data, a gente tem que averiguar isso.

[Inaudível]

Carlos Gomes: É porque...

José Gurgel de Freitas: Se esse documento do MEC que a gente acha que tem dizia, fixava, uma data, realmente. Eu estou dizendo isso porque quando eu fui chamado pra enquadrar pelo parecer que esses Auditores do MEC deram, ou verbalmente mandou que o DAP resolvesse o meu caso e o dele fizesse ou que não fizesse, que ele estaria fora. Aí eu cheguei lá e disse: “Alberto, olhe, o DAP mandou me chamar, mandou eu ir lá com a documentação e os Auditores do MEC mandaram resolver o meu problema, agora o seu parece que não resolveram não”.

Francisco Queiroz de Lima: [Inaudível]

Carlos Gomes: Então, mas a gente só sabe aí na documentação. A Keity, eu me lembro de Keity...

[Pessoas falando ao mesmo tempo]

José Gurgel de Freitas: Keity era vice-diretora e depois passou a diretora.

Carlos Gomes: Ela é mais jovem do que Maria Daguia, então ela deve ter se aposentado em uma gestão...

José Gurgel de Freitas: Ela é uma jovem formada em Administração e que...

[Inaudível]

Carlos Gomes: Não, ele só citou vocês dois. Hein?

[Pessoas falando ao mesmo tempo]

Carlos Gomes: Márcio?

[Inaudível]

José Gurgel de Freitas: Márcio era formado, agora talvez quando ele... talvez porque eu não sei dele...talvez o Márcio seja um dos caras que terminou igual com ele. Aí equiparam Márcio e não ele. Isso é...

Carlos Gomes: Onde é que fala aí no Márcio, olhe aí!

Almir Bueno: Na Ata tem.

[Inaudível]

José Gurgel de Freitas: Não, Márcio era primo de Keity, parece.

Carlos Gomes: Qual é a folha? Da primeira folha ou é da segunda?

[Inaudível]

Carlos Gomes: Na terceira folha.

José Gurgel de Freitas: O Márcio parece que ele tinha um parentesco com a Keity...

Carlos Gomes: Ele fala num Arimatéia...

José Gurgel de Freitas: Professor Arimatéia foi nosso coordenador.

Francisco Queiroz de Lima: [Inaudível]

Carlos Gomes: Eu não estou encontrando o nome desse rapaz.

José Gurgel de Freitas: Era professor Marcos Folha...

[Inaudível]

Carlos Gomes: Ah, no outro parágrafo.

José Gurgel de Freitas: O nosso coordenador direto foi o professor Arimatéia...

[Inaudível]

José Gurgel de Freitas: Torres e...

Almir Bueno: Como é que está?

Carlos Gomes: O Márcio, também integrante do grupo, recém-formado, orientado por amigos e parentes... tinha obtido benefício funcional da equiparação. Esse Márcio é funcionário? Não, ele está dizendo que concluiu o curso em 81, ainda na condição de agente administrativo, não sei precisar a data, mas aproximadamente oito meses após a conclusão do curso, teve conhecimento através de Gurgel e Queiroz que o Márcio, também integrante do grupo que estagiava e recém-formado, orientado por amigos e parentes tinha obtido o benefício...

[Inaudível]

Carlos Gomes: Esse Márcio trabalha aqui ainda?

[Pessoas falando ao mesmo tempo]

José Gurgel de Freitas: Márcio? Márcio não é Economista não, acho que ele é Administrador.

[Inaudível]

José Gurgel de Freitas: É de Administração.

Almir Bueno: Pode ser convocado também.

[Inaudível]

Almir Bueno: Deve ser convocado.

[Inaudível]

Almir Bueno: Bom convocá-lo.

José Gurgel de Freitas: [...] Pode ser um dos casos que tava fora como ele e foi enquadrado. Daí a revolta dele.

[Inaudível]

Carlos Gomes: Esse Márcio trabalha aonde?

Almir Bueno: Sobrenome?

[Inaudível]

Carlos Gomes: Ô Kadma, vamos identificar esse Márcio do DAE viu?! Pra ele vir aqui.

Carlos Gomes: Porque ele está citado, não é direto não, dando assim a impressão de “recém-formado” [...].

[Inaudível]

Almir Bueno: Só aproveitando aí, aí foi citado também, não tem a ver diretamente agora com o... mas mais geral assim. Aí os ex-reitores, está sendo planejado em ser convocados?

Carlos Gomes: Ainda há a ideia, primeiro a gente quer, porque o que é que a gente vai perguntar a eles? Tem que primeiro procurar saber alguma coisa.

Almir Bueno: O que mais tem é pergunta pra eles, né?

Carlos Gomes: O que tinha mais a se perguntar já morreu. Até agora ninguém reclamou nada sobre Domingos. Eu tive uma informação de que Domingos não acionou a ASI no tempo dele.

[Inaudível]

Carlos Gomes: É vivo, é vivo.

Almir Bueno: É, mas aí eles podem esclarecer isso.

Carlos Gomes: A gente não pode chegar e perguntar uma coisa que ninguém afirmou, não há o que perguntar a eles.

Almir Bueno: No caso de Diógenes?

Carlos Gomes: Ah, Diógenes sim, Genibaldo também. Porque ele foi quem, por que tirou Adriel e tal? Ele foi mencionado, né? Agora, Domingos, até agora, não. Que eu até pensava que no tempo de Domingos tinha havido acionamento da ASI, mas o que eu soube é que ele não acionou a ASI. Agora, Queiroz, o reitor geral Queiroz foi depois de quem?

[Inaudível]

Carlos Gomes: Foi depois de Diógenes?

Almir Bueno: Foi.

[Inaudível]

Almir Bueno: Quando eu entrei na Universidade, ele era reitor.

[Inaudível]

Almir Bueno: Foi lá pelo final dos anos 80, início dos 90.

[Inaudível]

Carlos Gomes: Olhe, até agora eu tenho motivo de convidar Genivaldo, mas pra perguntar muito pouco...

[Inaudível]

Almir Bueno: É, quando eu entrei em 92 ele tava terminando o mandato.

[Inaudível]

Almir Bueno: É, quando eu entrei em 92 ele tava terminando o mandato.

[Inaudível]

José Gurgel de Freitas: Não, o primeiro eleito foi Daladier.

[Inaudível]

Carlos Gomes: Sim, mas a gente precisa comprovar? Porque se a gente não provar que houve diplomacia em alguns casos, aí sim, mas se não houve diplomacia, o Márcio. Agora, eu gostaria que você descobrisse o nome do Márcio. Quem é que está encarregado de examinar os documentos deles dois, as fichas, quem ficou encarregado? É das fichas que eu pedi pra olhar aqui no Setor de Pessoal?

[Inaudível]

Carlos Gomes: Pronto, então... Deles dois?

José Gurgel de Freitas: Com certeza, esse processo deve estar lá.

Carlos Gomes: Incluindo o de Márcio, já pra gente ganhar tempo.

[Inaudível]

Carlos Gomes: Porque lá tem a data que ele se formou.

[Inaudível]

Carlos Gomes: É, exato, do Márcio. Não, de Alberto, ele diz aqui. Outra coisa, viu Kádma, vamos descobrir o endereço de Keity. Não é difícil não. Keity era vice-diretora...

[Inaudível]

Carlos Gomes: Não é que ela seja tão velhinha, mas é que ela teve problema de saúde.

José Gurgel de Freitas: É verdade!

Carlos Gomes: Ela chegou a ser minha aluna, eu não estou tão velhinho.

[Inaudível]

[Intervenções ocorrendo simultaneamente]

[Inaudível]

José Gurgel de Freitas: Na época, a Universidade contratava ou por indicação política ou por indicação familiar.

[Inaudível]

José Gurgel da Silva: Era CLT...

Carlos Gomes: Eu cheguei a ser...

[Inaudível]

Carlos Gomes: [...] Tudo pela Universidade. O MEC é que pediu depois pra fazer uma regularização...

[Inaudível]

Carlos Gomes: Eu me lembro dessa história do enquadramento. Eu fui contratado, inicialmente, como professor colaborador e houve uma necessidade de se fazer concurso, baixaram uma regra que podia ser ou concurso aberto ou público... com gente até do Rio Grande do Sul, teve um juiz de Direito... eu entrei aqui em...

[Inaudível]

Carlos Gomes: Muito bem, mais alguma pergunta?

[Inaudível]

Almir Bueno: Eu só teria uma questão de encaminhamento, que talvez fosse mais adequado na reunião assim da própria Comissão, não sei se seria agora o momento ou a gente faria mais alguns depoimentos nesse caso assim, ainda necessita. Mas eu estou sentindo a necessidade de fazer assim, já nesse momento, um certo balanço do que a gente já fez até agora e quais são os passos seguintes.

Carlos Gomes: Vamos fazer o seguinte, vamos terminar o mês de março e a gente em abril faz uma avaliação.

Almir Bueno: Pronto.

Carlos Gomes: [Inaudível]

[Inaudível]

Carlos Gomes: Eu só me preocupo com a motivação legal. Porque ele não fez na denúncia dele, na exposição dele, nenhuma alusão de que outros... ele não revelou isso nem, conseqüentemente, que outros que também não preenchiam tinha sido contratados. Que é outro tipo de denúncia. Então, no momento que ele...

[Inaudível]

Carlos Gomes: Mas ele não disse isso aqui. Nós vamos descobrir agora...

[Inaudível]

Carlos Gomes: Vai descobrir agora com esse decreto que a gente ai encontrar. Muito obrigado, viu? Pois eu fico aguardando. Que é uma ponderação importante. Eu era daqui desde 76 e sei que havia uma preocupação muito grande de fazer tudo dentro da legalidade... eu não acredito jamais que alguém tenha sido enquadrado sem preencher o requisito... porque dizem que o Movimento de 64 foi pra acabar a subversão e a corrupção... e aqui me dá o direito de fazer uma presunção de que ele omitiu, que não preenchia o requisito e que outros

que também não preenchiam tenham sido beneficiados. Isso aí ele diz, então o caminho é por aí.

[Inaudível]

Carlos Gomes: Insinuou muito de longe.

[Inaudível]

Carlos Gomes: Nunca falou que não tinha preenchido o requisito.

[Inaudível]

Carlos Gomes: Pra não fazer juízo errado de valor, eu digo isso porque eu tenho uma experiência tão grande na minha vida, eu já estou vendo o fim da novela. Eu estava até eufórico porque era tão bom se a gente descobrisse um caso assim de injustiça pra pedir reparação, mas me parece que nós estamos assim...

[Inaudível]

Carlos Gomes: Sim, mas ele não diz isso. Ele não diz que não preenchia o requisito. O motivo que ele diz é que houve perseguição porque possivelmente era de esquerda, isso não está tão claro. E ele em nenhum momento disse que não preenchia. Então a gente comesse subsídio, pode até chamar ele de novo.

[Inaudível]

Almir Bueno: Eu só queria acrescentar, Sandra, que a gente já está vivendo um Regime Democrático já algum tempo, mas mesmo assim, com a questão da Comissão da Verdade, essa semana teve um ato da bomba na OAB no Rio de Janeiro. Nós estamos em 2013, aparentemente isso era coisa... eu estaria fora de cogitação e aconteceu, né?